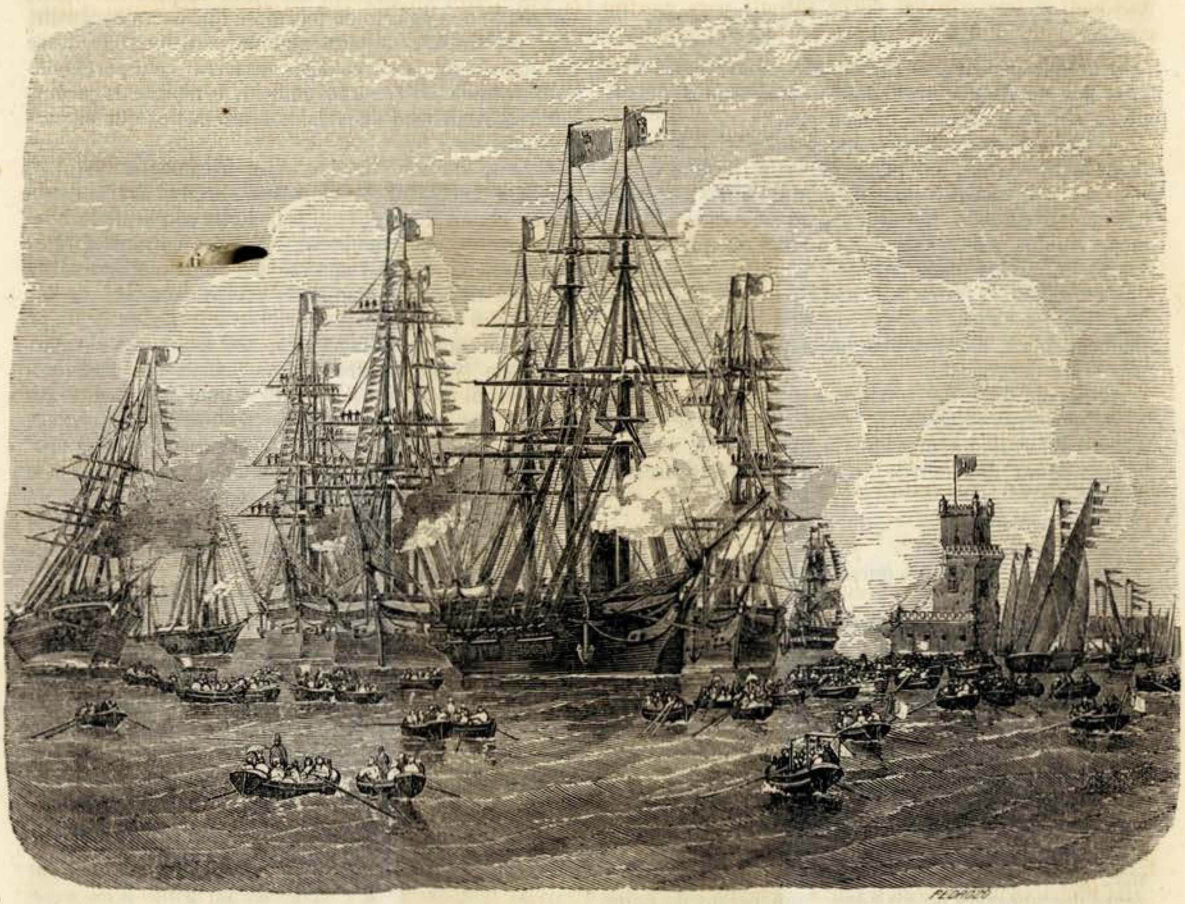


A corveta *Bartholomeu Dias* conduzindo a seu bordo a rainha D. Maria de Saboya — Desenho e gravura de Pedroso

Esta vista foi tirada na occasião em que a esquadra que acompanhou a Lisboa S. M. a rainha D. Maria de Saboya fundeava defronte do caes de Belem. Tudo é obra do sr. Pedroso, unico pintor de marinhas que hoje temos, e um dos nossos mais peritos gravadores.

Sobresae a todos os outros vapores a corveta *Bartholomeu Dias*, a cujo bordo veiu a augusta esposa del-rei de Portugal.

Foi construida esta corveta de systema mixto nos estaleiros dos srs. Greem & Companhia, em Londres, e comprada pelo governo portuguez, para conduzir a Portugal a rainha D. Estephania quando casou el-rei D. Pedro v de saudosa memoria. Para este fim se fizeram as obras e ornatos da camara, que importaram em 9:610$900 réis.

Este excellente navio tem 208 pés de comprimento, e 34 pés e 8 pollegadas de boca. O seu lote é de 1227 toneladas. A machina é de 400 cavallos, e occupa um espaço egual a 204 toneladas. Monta 20 peças de calibre 32, e 1 rodizio de 68.

Custou, com as obras da camara real, 327:701$920 réis.

Foi lançada ao mar, em Londres, a 2 de janeiro de 1858; chegou a Lisboa a 26 de março do mesmo anno. Saiu d'este porto para conduzir a Portugal a fallecida rainha D. Estephania no dia 19 de abril, que entrou a foz do Tejo em 17 de maio seguinte.

Em março de 1858 tomou o commando d'esta corveta S. M. El-Rei, então infante, e capitão de fragata da armada nacional, indo fazer uma viagem ás ilhas dos Açores e Madeira, e no anno seguinte visitar os arsenaes da Gran-Bretanha. Voltou a Lisboa, e saiu para Inglaterra conduzindo S. A. a serenissima infanta D. Maria Anna e seu esposo o principe Jorge de Saxonia. N'este mesmo anno foi ao imperio de Marrocos, indo tambem a bordo S. M. El-Rei D. Fernando.

Em 1860 foi a *Bartholomeu Dias* fazer uma viagem mais larga. Quiz o sr. D. Luiz visitar as nossas possessões de Africa, o que effectuou com grande jubilo d'aquellas povoações.

Em abril de 1861 foi buscar o principe Leopoldo de Hohenzollern, noivo da serenissima infanta D. Antonia, e os conduziu depois ao porto de Antuerpia. Foram estas as viagens que fez a corveta *Bartholomeu Dias*, commandada pelo Sr. D. Luiz, em quanto infante.

Destinada tambem para ir a Genova receber a seu bordo a princeza real de Italia, esposa del-rei D. Luiz I, depois de se reformarem todos os ornatos da camara, adereçando-se de novo, com riqueza e elegancia, saiu d'este porto a 15 de setembro do corrente anno, e regressou a 5 de outubro, fundeando defronte do caes de Belem, com o sequito e festivo recebimento que n'outro artigo mencionámos. [1]

A estampa accusa perfeitamente a maravilhosa vista que o Tejo apresentava n'aquella paragem, na occasião em que as esquadrilhas portugueza e italiana ancoravam defronte de Belem.

[1] Vid. o n. 31 d'este volume.

COMO SE DEVE FAZER O BEM

CONTO ORIENTAL

I

O grande e poderoso Hassan exclamava um dia em presença de Abulbedir e Melcis, dois sabios que tinham sido conselheiros de seu pae.

— Quão desgraçado sou, meus amigos! Possuo immensos thesouros; os meus palacios, jardins e hortas, são a inveja dos mais opulentos califas; os meus cavallos e camelos bastariam para que cada um dos meus émulos podesse ser dono de tres ou quatro; milhares de navios meus navegam triumphantes em todos os mares; e, comtudo, não conheço a felicidade! Vós, que fostes leaes amigos de meu bom pae, sêde-o tambem meus, e aconselhae-me o que devo fazer para não viver desgraçado.

Abulbedir disse-lhe sorrindo-se:

— Não serás desgraçado, Hassan amigo, se consolares o infortunio e alliviares a miseria; se, sensivel á desventura dos outros homens, prodigalisares os beneficios.

Melcis acrescentou:

— Conheces Hulkem?

— Conheço. É esse a quem o povo chama sabio e genio do bem.

— Pois emprega a tua fortuna como elle emprega a sua, e serás feliz. Mas pensa que ao tomal-o para modelo, teu fim deve ser o mesmo que induz Hulkem a praticar como poucos no mundo praticam.

Hulkem vivia a alguma distancia de Bagdad; a sua casa era por extremo singela, e notava-se n'ella unicamente a particularidade de que tinha tantas portas quantas eram as estradas que levavam ás diversas comarcas d'aquelle paiz. Debaixo de uma especie de caramanchel, formado antes pela natureza do que pela arte, viam-se alguns bancos cobertos de musgo, nos quaes descançavam os viajantes; um regato de agua, sempre fresca e limpida, corria proximo d'aquelle modesto albergue, e n'elle apagavam a sêde os cançados camelos; diversos escravos, affaveis e aceados, convidavam os passageiros a comer pão alvo e a beber purissimo leite.

Aos viajantes que passavam a noite n'aquelle asylo hospitaleiro, era costume despertarem-n'os apenas a aurora principiava a branquear o cume das montanhas, e depois de os proverem de boas viandas para o caminho, despediam-n'os desejando-lhes toda a sorte de prosperidades.

Nada tinha de extraordinario que, vendo-se tratados com a mais notavel bondade, quantos visitavam a casa de Hulkem o abençoassem de todo o coração, e em prova de agradecimento referissem a todos as suas virtudes, de certo não vulgares.

Ao nomearem Hulkem em todos os paizes do Oriente, diziam: o sabio, o caritativo e incomparavel Hulkem.

Hassan teve noticia de tudo isto, e disse para comsigo:

— Sim, posso ser tão feliz como Hulkem; desejo que em todo o mundo se diga, fallando de mim: Hassan é o mais benefico, o mais piedoso e o melhor dos homens.

E dominado por esta idéa, mandou immediatamente chamar mil operarios, e enviou escravos para todas as estradas que levavam aos portos do mar. As comarcas situadas do lado opposto das que estavam proximas da casa de Hulkem, auguravam-lhe maior e mais rapida celebridade do que a que gozava aquelle homem feliz.

— O meu nome, dizia, será conhecido e citado nos dois mundos. Chegará ao conhecimento dos reis mais poderosos da terra, em quanto a fama de Hulkem se perderá na obscuridade das miseraveis cabanas que habitam os seus protegidos.

Pouco tempo depois era assombro de quantos o viam, um magnifico palacio de marmore que fizera construir, sem economisar despeza alguma para que excedesse em luxo a todos os palacios da terra; cem portas davam entrada no soberbo edificio, e deliciosos jardins embriagavam com suavissimos arômas os que os percorriam.

Grande numero de escravos, ricamente vestidos, saíam a encontrar os viajantes e convidavam-n'os a tomar algum descanço no palacio do seu senhor; apenas entravam no sumptuoso edificio, as mais formosas mulheres da Asia apressavam-se em offerecer-lhes os mais delicados manjares; preparavam-lhes depois um banho perfumado, e deleitavam-lhes os sentidos cantando com voz dulcissima, acompanhadas de harmoniosas lyras. Ás tres horas faziam-n'os assistir a um festim magnifico, durante o qual se executavam nos jardins caprichosos jogos d'agua e phantasticas danças. Terminado o banquete conduziam-n'os a aromatizados aposentos, em cujo adorno a riqueza e a elegancia haviam empregado todos os recursos da arte. Alli descançavam em brandos coxins de velludo e oiro, em quanto suaves harmonias provocavam nos obsequiados viajantes delicioso somno.

E quando se dispunham a saír, todos recebiam das mãos de uma escrava, bella como a nascente aurora, um lenço riquissimo, no qual, bordado com perolas de inestimavel valor, se via o nome de Hassan, para que lhes servisse de recordação eterna das bondades que se lhes dispensára.

Em fim, sobre o portico do maravilhoso palacio liam-se estas palavras, formadas com grandes letras de oiro:

Palacio para os viajantes de todo o mundo,
construido por Hassan, o bemfeitor
e amigo dos desgraçados.

É desnecessario dizer que de toda a parte affluia multidão de curiosos, avidos de admirar tantas maravilhas e gozar os beneficios de tamanha generosidade, e que todos voltavam dizendo que a realidade d'aquella singularissima magnificencia, excedia todas as illusões que podesse afigurar a mais esplendida phantasia.

II

Certo dia, passando um ancião junto d'aquelle palacio sem egual, parou a contemplar maravilhado a belleza, extensão e magestade do edificio; e admirou aquellas erguidas palmeiras, cuja sombra offerecia tão delicioso abrigo ao extenuado caminhante, aquelles bancos de marmore e aquellas estatuas, nas quaes a arte parecia querer rivalisar com a natureza.

Hassan viu-o, e sem se dar a conhecer, convidou-o a entrar e descançar no palacio.

O ancião vacillava; era tal o seu assombro, que tudo aquillo lhe parecia illusão de conturbado entendimento; mas convencido da realidade por Hassan, decidiu-se a entrar. Immediatamente as mais bellas escravas d'aquelle poderoso senhor o conduziram a um elegante pavilhão cercado de um sem numero de odoriferos arbustos; ahi, esperava-o um banho deliciosamente perfumado, e em quanto n'elle descançava o ancião, milhares de avesinhas formaram um concerto que nada devia á arte, e cujos sons eram, talvez, mais suaves que os das mais harmoniosas vozes. Depois de descançar, e de deliciar os sentidos n'aquella atmosphera inebriante, conduziram-n'o a visitar todas as riquezas e preciosidades do palacio.

Quando mostrou desejo de seguir o seu caminho, offereceram-lhe cem moedas de oiro, um trajo de seda riquissimo e outros objectos de valor.

— Segue em paz o teu caminho, bom ancião, — lhe disseram, — e em quanto bater o teu coração lembra-te do generoso Hassan, e abençôa-o.

O ancião retirou-se sentindo extremo jubilo, e repetindo em voz mui alta, para que todos o ouvissem, que Hassan era o mais generoso e magnanimo dos mortaes.

Hassan ouviu-o, e sentiu egualmente um prazer inexplicavel; mas desejoso de mostrar-se ainda mais generoso e grande, ordenou que dois escravos saissem ao encontro do velho, e por vontade ou por força lhe roubassem tudo quanto lhe dera momentos antes.

E assim o fizeram.

Quando mais distrahido ia o bom do ancião, apresentaram-se-lhe de subito os escravos do bemfeitor Hassan e exigiram-lhe com gesto ameaçador o dinheiro que levava, e que elle entregou dizendo aos salteadores que era dadiva do poderoso Hassan. Pediram-lhe tambem o vestido, e não oppoz grande resistencia em entregal-o; mas lançando-se aos pés dos escravos, supplicou-lhes, chorando como uma criança, que lhe deixassem ao menos a moeda de oiro que tinha guardada em uma de suas sandalias.

O ancião, ao ver-se novamente em pobreza, exclamou:

— Louvado seja Deus! deixaram-me, em fim, a moeda de oiro.

Hassan, testimunha occulta d'aquella scena, saiu a encontral-o, e pediu-lhe que lhe referisse os pormenores de tão estranha aventura, logo que deixára o seu palacio, e perguntou-lhe porque tinha em tamanho apreço a moeda de oiro que reservára.

— Essa moeda, — respondeu o ancião, — é um brinde do sensivel e piedoso Hulkem... Acabava de saber a morte de meu querido filho, quando Hulkem foi visitar-me, e elle chorou commigo a morte do infeliz mancebo.

— «Eu tambem perdi meu filho, — me respondeu; juntemos nossas dores, e assim poderemos soffrel-as. Vem, pois, para minha casa; alli te esperam as consolações da mais pura e desinteressada amizade. Segue-me. Minha filha e eu preencheremos no que for possivel o vacuo que te deixou a morte de teu pobre filho.» Objecto dos mais exquisitos cuidados de sua generosa hospitalidade, estive duas noites em casa de Hulkem, e foram as primeiras em que gozei as doçuras da tranquillidade.

Quando ia a partir d'aquella deliciosa mansão, Hulkem perguntou-me se meu filho se chamava Abid; e tendo-lhe eu respondido affirmativamente, exclamou:

— «Seja Deus bemdito! que ainda me offerece occasião de dar-te outra prova da minha amizade,» e poz-me na mão uma bolsa que continha cem moedas de oiro. — «Entrego-te, acrescentou, esta quantia que teu filho depositou nas minhas mãos antes de sair para a Persia, recommendando-me que t'a mandasse, no caso que elle não regressasse ao lar paterno.» Eu comprehendi que era inexacta similhante recommendação, que só servia de pretexto delicado para fazer-me acceitar o dinheiro sem ferir sequer levemente o meu orgulho, e assegurei-lhe que meu filho ao emprehender a viagem á Persia não possuia tão grande quantia. Então o bom de Hulkem ainda me fez passar uma noite em sua casa, e na manhã seguinte vi que entre as dobras do meu turbante pozera as cem moedas de oiro que na vespera não alcançára lh'as acceitasse. Tomei sómente uma das moedas, e colloquei o resto debaixo do coxim que me servira de almofada, e nada quiz dizer-lhe, imitando assim a sua extremada e nobre delicadeza.

Hassan, que ouvira com attenção a narrativa do velho, perguntou-lhe:

— Porque entregaste, sem dar grandes mostras de sentimento, as cem moedas de oiro de Hassan, e quizeste reservar essa unica das que recusaste a Hulkem?

— Porque a dadiva de Hulkem honrava-me, e a de Hassan humilhava-me. Na casa de Hulkem era, como em todas, um pobre; mas tudo contribuia para m'o fazer deslembrar. No palacio de Hassan tudo me adverte da distancia que nos separa um do outro. Hassan é esplendido e justo, mas Hulkem é benefico e modesto.

— É muito injusto! — exclamou Hassan irado.

E lançando aos pés do ancião uma bolsa cheia de oiro, afastou-se dizendo:

— Toma, miseravel! Ainda que o injuriaste, Hassan é quem t'a offerece.

— É possivel, — exclamava Hassan regressando ao seu phantasioso palacio, — é possivel que um mendigo tenha em nenhuma conta os meus beneficios, e prefira a morte á perda de uma vil moeda de Hulkem?... Com effeito, deu-me uma lição que não deixarei de aproveitar... Não se ha de dizer que um homem como eu, possuidor do mais sumptuoso palacio do Oriente, e senhor de milhares de escravos, que os mais poderosos califas quereriam para os seus serralhos, não póde ser tão venturoso como se lhe afigura.

III

Hassan, desde aquelle dia começou a fazer aos viajantes o mais lisongeiro acolhimento; elle proprio saia a recebel-os, chamava-lhes irmãos, e dava-lhes oiro e pedrarias, para que a sua generosidade fosse preconisada cada vez com maior enthusiasmo.

Um dia, estando sentado á sombra de magestosas palmeiras, chegou a observar um homem, ao que parecia, dominado por entranhavel dor.

— Depara-m'o a fortuna, — disse Hassan; — esse desgraçado carece, sem duvida, de auxilio. Quão feliz serei se fizer com que dentro em pouco se dissipem de sua fronte as nuvens da dor!

O viajante, comtudo, passava sem que parecesse fixar a sua attenção o maravilhoso palacio de Hassan: este, no entretanto, contrariado por similhante desprezo, saíu-lhe ao encontro, fallou-lhe, e perguntou-lhe a causa da sua tristeza.

— Chamo-me Helim, — respondeu o viajante, — e em mim estaes vendo o homem mais desditoso da terra. Possuia uma esposa, a mais bella de Bagdad: as suas virtudes haviam-me feito amal-a com verdadeiro phrenesi; ella era a felicidade da minha vida. Mas Ibraim, o odioso favorito do califa, namorado d'ella, teve a imprudencia de offerecer-me mil marcos de oiro em troca da minha adorada e boa Selina: desprezei essa infame proposta, e o miseravel commetteu o crime de roubal-a do meu lar, sem que os meus gritos e soluços, e a minha desesperação commovessem o seu coração de pedra. Pretendi queixar-me ao califa, mas o verdugo da minha felicidade fez-me apparecer aos seus olhos como complice em não sei que supposto attentado, e desterraram-me de Bagdad.

— Consola-te, — lhe disse Hassan, — e segue-me, que vou devolver-te a felicidade.

E conduziu Helim para o seu harem.

— Vê e escolhe a que possa fazer-te esquecer tua esposa; é para ti.

— Não conheceis o amor! — exclamou tristemente o afflicto esposo; — póde a belleza lisongear os sentidos, mas as virtudes, as qualidades da alma, os ternos e bons sentimentos, são os que unicamente exercem influencia nos corações sensiveis e que nasceram para o amor.

— Ainda tenho, — replicou Hassan, — outros meios de devolver-te a mulher que amas; conserva-te em minha casa ao menos dois dias, é um amigo leal que t'o supplica.

Hassan offereceu ao malvado Ibraim a mais formosa de suas mulheres, se quizesse restituir a de Helim a este infeliz esposo; porém a resposta de Ibraim foi a mais severa prohibição de se envolver em negocios que não eram de sua competencia, ameaçando-o de ser cruamente castigado se insistisse.

—Vês, — disse Helim, — o perigo a que me expuz por querer servir-te; toma, meu amigo, quanto oiro quizeres das minhas arcas, e sirva isso, se não de lenitivo ás tuas penas, ao menos de meio para facilitar a tua vingança.

Helim, desesperado, saudou-o e afastou-se.

E Hassan disse então para comsigo:

— Hulkem não teria seguramente feito o que acabei de fazer.

Algum tempo depois d'esta aventura, Hassan viu passar um palanquim, escoltado por um grupo de cavalleiros, no qual reconheceu Helim; este egualmente reconheceu o seu protector, e, parando, disse-lhe:

— Já sou feliz. Selina voltou ao meu lar; e sabeis a quem devo essa ventura? A Hulkem.

— Assim que soube a minha desgraça, foi visitar o califa. «Poderoso senhor, disse Hulkem ao califa, venho advertir-te de uma conspiração mallograda, não contra a tua vida, senão contra o teu esplendor.» E referiu-lhe o criminoso attentado de Ibraim. «O teu povo adora-te, acrescentou, porque és bom e justo; mas não consentirei que, á sombra do teu nome, os teus favoritos exerçam uma tyrannia de que a historia poderia fazer-te responsavel.» Ibraim foi castigado, Selina entregue ao bom Hulkem, e Hulkem, pondo-a em meus braços, devolveu-me á alma a perdida felicidade.

Hassan não pôde escutar mais: os elogios que se prodigalisavam a Hulkem eram para elle motivo de desesperação e vergonha.

— Em quanto viver esse homem, murmurava Hassan, não poderei ser ditoso: a tranquillidade, a gloria, a felicidade, tudo me rouba esse rival aborrecido. É preciso que Hulkem morra! Não cabemos ambos no mundo!

(Continua)

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 211)

Havia quarenta annos que o Japão tinha sido descoberto pelos portuguezes, e trinta e tres desde que o mestre Francisco Xavier tinha ido lançar a primeira pedra da egreja do Japão, quando alguns principes christãos d'aquellas ilhas assentaram mandar uma embaixada de obediencia ao supremo pastor da christandade, com cartas tambem para o vice-rei da India e para o monarcha portuguez, pelo zelo de cujos religiosissimos predecessores tinham elles vindo, pelas aguas regeneradoras do baptismo, ao redil da egreja. E pois que estão hoje tão esquecidas as memorias d'aquelles tempos, especialmente no que toca ao Japão, com o qual fomos nós o primeiro povo da Europa que entrou em relações ha mais de trezentos annos, como muito a proposito o recordou el-rei o senhor D. Luiz, na primeira audiencia solemne que no dia 19 d'este mez deu aos embaixadores mandados por S. M. o imperador do Japão á nossa corte confirmar as pazes e amizade feitas ha dois annos, tomaremos de mais longe o fio da nossa historia. Que bem justo é avivar recordações de tanta honra nossa e gloria do nome christão, quando vemos que nem a presença dos senhores embaixadores japonezes persuadiu ainda ninguem a levar da penna para celebrar coisas que tornam tanto em louvor nosso, e em que podêmos metter a mão bem dentro, sem ser preciso cercear nem encobrir a verdade, ou inventar fabulas, cómo estamos costumados a ver praticar n'outras nações, quando fallam dos nossos feitos, para os minguar, escurecer e apagar da memoria dos homens. Bem sabemos que no tempo de agora não é moeda corrente fallar de missões nem de conversões; e bem póde ser esta a causa de tal silencio; mas como fallar n'isto é fallar ao coração do povo portuguez, que recebeu de seus maiores o amor ás coisas da christandade no Oriente, esperâmos que nos hão de relevar os leitores determo-nos um pouco mais em lhes mostrar a origem primitiva da embaixada de que nos propomos tratar.

No mesmo anno de 1542 em que S. Francisco Xavier chegou á India, mandado por el-rei D. João III, para avivar a conversão de todo aquelle gentio, e manter lá entre os nossos a fé e os bons costumes, descobriram alguns portuguezes o Japão por dois pontos diversos. Fernão Mendes Pinto, navegando de Lampacau, porto da China, com a proa em Malaca, na companhia de Diogo Zeimoto e Francisco Borralho [1], no junco de um corsario chim, por nome Semipocheca, e sendo assaltado por um violento temporal, foi levado á ilha de Tanixumá, nove legoas ao sul da primeira terra do Japão, paiz até então desconhecido dos portuguezes, mas que pelo rumo em que estava não podia tardar a ser pelos nossos visitado, muito mais visto o trato que tinhamos com os chins, cujas costas não distavam muito, n'alguns sitios, das do Japão. Quasi ao mesmo tempo, mas sem saberem uns dos outros, Antonio da Motta, Francisco Zeimoto e Antonio Peixoto, velejando de Dodra, no reino de Sião, para a China, foram arrojados por um tufão a outra ilha do Japão, cujo nome os auctores que temos lido não declaram. Fernão Mendes Pinto, nos capitulos 131, 132, 133, 134 e 135 do classico livro das suas celebres *Peregrinações*, descreve a sua viagem e arribada ao Japão, e a demora que teve em Tanixumá, cujo Nautaquim, ou regulo, a elle e aos da companha acolheu alegremente e hospedou como a amigos, folgando de ver e ouvir os portuguezes, de cujo poder e grandeza já tinha sobejas noticias pelos chins e lequios. E no capitulo 134 conta o mesmo auctor como Zeimoto offereceu ao Nautaquim a sua espingarda, o qual, agradecendo-lh'a, disse que a estimava mais que todo o thesouro da China, por ser coisa nunca até então vista n'aquellas partes, e como lhe ensinou a fazer a polvora, e os japões por aquella só espingarda fizeram outras do mesmo teor, cuja quantidade em todo o Japão, quando em 1556 lá voltou Fernão Mendes Pinto por embaixador do vice-rei, como abaixo diremos, passava já de trezentas mil, o que prova o engenho, viveza e inclinações d'aquelle povo. Pareceu-nos esta noticia tão curiosa, que não a quizemos calar, assim como a que o mesmo auctor conta nos capitulos 135, 136 e 137, de ter el-rei de Bungo mandado por um official de sua casa pedir ao Nautaquim de Tanixumá, seu sobrinho, que lhe enviasse um d'aquelles tres *chenchicogins* do cabo do mundo, para o que elle escolheu a Fernão, que sendo levado a Fucheo, corte del-rei de Bungo, teve d'elle bom agasalhado, e foi como que o primeiro embaixador europeu no Japão.

Foi tão festejado este descobrimento em Liampó, cidade portugueza da China, para onde partiram de Tanixumá os tres companheiros, assim como na India, logo que lá se conheceu que de toda a parte acudiram mercadores para alli fazerem veniaga.

Por meio d'estes receberam a poucos passos os japões as primeiras luzes e o primeiro leite do christianismo, a ponto que em breve n'algumas cidades se levantaram cruzes sobre as casas, como meio poderoso para chamar sobre os seus moradores as ben-

[1] O barão d'Henrion na sua historia das missões, tomo I pag. 477, trocou o appellido Borralho por *Borello*, o que faz crer a quem estiver desprevenido que Christovão Borralho era italiano, pois *Borello* tem todas as condições para ser nome italiano. Mas o seu a seu dono.

ções do ceo. Um d'estes bons portuguezes foi Alvaro Vaz, capitão de uma nau; e o primeiro japonez que houve d'elle o bafo da fé, foi Angero, o qual passando a Malaca com dois criados, por conselho de Alvaro, e chegando alli em 1547 foi recebido com os braços abertos pelo P. Francisco Xaxier, que informado já pelos portuguezes das boas condições dos japões, ardia em desejos de aprestar-se quanto antes para lhes ir annunciar a lei de Christo. No entretanto, para que o bispo de Goa, que era então o unico de toda a India, fosse o primeiro a offerecer ao Senhor as primicias do Japão, partiu logo com elle e com os dois criados para aquella cidade, onde depois de instruidos na doutrina christã, no collegio de S. Paulo, D. João d'Albuquerque, primeiro bispo de Goa, lhes deu o baptismo, em que Angero tomou o nome de Paulo de Santa Fé, em memoria d'aquelle collegio, e os outros dois o de João e Antonio.

Resolvida a viagem ao Japão, voltou o santo Xavier para Malaca, d'onde a 24 de junho de 1549 largou para aquellas ilhas, levando na sua companhia o P. Cosme Torres, o irmão João Fernandes, e os tres japões, dos quaes muito o ajudou n'aquella missão Paulo de Santa Fé, tão celebre na historia da introducção do christia-



Primeira embaixada do Japão á Europa

nismo na sua patria. Chegaram ao porto de Cangóxima a 15 de agosto do mesmo anno, dia da gloriosa Assumpção da Virgem, o que elle houve por bom prognostico, tomando a Senhora por padroeira d'aquella santa empreza. E bem se conheceu que andou o dedo da Providencia n'esta viagem, porque contra a vontade do traiçoeiro capitão do junco chinez em que navegavam, foram surgir no porto da propria terra em que Paulo nascêra, e tinha sua mulher, filhos e parentes. D'isto succedeu que, além de agasalhar com grandes mostras de amor e alegria a gente de Paulo ao padre e companheiros, foi este muito bem recebido tambem do povo, e melhor do rei, o qual, como diz Fernão Mendes, durante um anno que alli esteve «lhe fez muitos favores, de que os bonzos, que são os seus sacerdotes, se houveram por muito affrontados. Converteu oitocentas almas em Cangóxima, e com ellas deixou a Paulo.» [1]

[1] Peregrinações cap. 208.

Não é necessario que nos demoremos em lembrar as prodigiosas conversões que o santo apostolo obrou nos dois annos e quatro mezes que esteve no Japão. Basta dizer, que voltando á India em 1551, deixou plantada a fé nos reinos de Cangóxima, de Exiando, Firando, Amánguchi, Meáco e Figem. Nem devemos esquecer que foi com grossos cabedaes que lhe deu Fernão Mendes Pinto, que se edificou a primeira egreja que houve no Japão dedicada ao verdadeiro Deus, e o primeiro collegio da companhia de Jesus em Amánguchi. Mas para que não pareça que o santo Xavier fundou a egreja japoneza desajudado do poder real de Portugal, é de razão que digâmos, que D. Pedro da Silva, filho do conde almirante, sendo em 1549 governador de Malaca, o proveu á conta da fazenda del-rei, e lhe deu tambem liberalmente da sua propria casa algumas peças de preço para apresentar aó rei de Meáco, quando lhe fosse annunciar a fé, e pedir licença para a prégar nos seus estados. Era

Meáco a corte dos tres principaes senhores do Japão, o Cuboçama, e o supremo Bonzo, e por isso cabeça e metropole de todos os reinos d'aquelle imperio, e de todas as seitas que n'elle dominavam, muito rica e povoada. E foi esta a razão por que levou comsigo da India e Malaca alguns presentes de valor de treze sortes differentes, entre as quaes entravam um manicordio, um relogio de rodas, vinho e pannos de Portugal, e outras peças que por sua novidade eram n'aquellas partes tão estimadas que determinava apresental-as ao Dayri ou Cuboçama. Tinha tambem cartas do governador e bispo de Goa, em que elles lhes offereciam a amizade del-rei de Portugal, e pediam que tratassem benevolamente aos padres, que sem outro respeito que o da sua salvação, iam denunciar-lhes a lei do verdadeiro Deus.

Achando porém o santo Xavier difficil a sua apresentação a estes principes, e entendendo que Cuboçama, posto que tivesse o titulo de imperador universal, tinha o seu poder muito mingoado, decidiu levar os presentes e as cartas ao rei de Amánguchi, e tornar a prégar nos seus estados o Evangelho. E pedindo-lhe audiencia em nome do vice-rei da India, de quem era embaixador, foi bem recebido por este rei, que mostrou muito contentamento com as cartas e presentes; e lhe deu casa, e licença com pregão publico para prégar e ensinar nos seus senhorios a fé e lei de Deus, a qual seus vassallos poderiam livremente abraçar.

E não foi só n'esta primeira embaixada portugueza ao Japão, e primeira expedição de pregoeiros evangelicos a seus habitantes, que os serenissimos reis de Portugal mostraram pela sua liberalidade a medida do seu zelo religioso. Por quanto, imitando o catholico espirito dos christãos da primitiva egreja, que com suas collectas acudiam aos pobres, ás viuvas e orphãos, e aos recem-convertidos, «sempre tiveram mui particular conta com a christandade do Japão (como diz o P. Lucena), favorecenda-a não sómente com suas cartas para os reis e senhores das mesmas ilhas, mas com largas mercês, e esmolas de sua fazenda por meio dos padres da nossa companhia, á qual assignaram oitocentos cruzados em cada um anno nos rendimentos das terras que a coroa d'estes reinos tem em Baçaim para os gastos da mesma empreza. Deve-se tambem muito n'esta obra á grande caridade e liberalidade dos portuguezes que residem na ilha de Macau, e tem o trato da China para Japão; porque elles foram áquella nova egreja o que os antiochenos á antiga de Jerusalem, não lhe faltando nunca com as collectas de suas esmolas, e com a industria com que procuravam de lh'as beneficiar e acrescentar mais que a propria fazenda.» [1]

Em abril de 1550 chegou a Malaca vinda do Japão uma nau portugueza com cartas do santo apostolo dando noticia dos progressos da fé entre aquelles povos, o que foi muito festejado com repiques de sinos, procissão e missa cantada na egreja de Nossa Senhora do Outeiro, a que assistiu o proprio governador. N'esta nau vieram quatro japões, movidos do que lhes contava Paulo de Santa Fé da lei dos christãos, e das grandezas dos portuguezes, e muito recommendados pelo santo Xavier. Pediram logo o baptismo, e depois de instruidos no que era de saber, o receberam do vigario na sé, sendo padrinho D. Pedro da Silva, que com todo o primor que póde solemnisou aquelle acto. Tres d'elles se tornaram d'alli para as suas terras, cheios de fé e ricos de peças de valor com que foram presenteados. O outro quiz passar á India, onde encheu de alegria a todos a sua chegada.

Em novembro de 1551, regressando o santo apostolo do Japão á India, como já dissemos, deixou encommendada aquella nova christandade ao padre Torres, trazendo comsigo dois christãos do paiz. Um d'estes era Bernardo, o primeiro japonez que baptisára em Cangóxima, e que o acompanhára a Meáco, e Matheus o outro, tambem dos primeiros convertidos em Amánguchi. «Vieram ambos, como diz o mesmo Lucena, com o intento de chegarem a Roma, por verem e beberem alli na fonte a fé e santidade da religião christã, e servirem juntamente ao Summo Pontifice e a toda a corte romana de umas como amostras e penhores do fructo que do Japão se podia esperar [1].» Matheus falleceu em Goa antes de se embarcar para Portugal, e Bernardo, que abraçára o instituto da companhia de Jesus, acabou santamente no collegio de Coimbra, tornando já de Roma, aonde o mandára S. Francisco por primicia da egreja do Japão.

Veiu tambem com o P. Francisco um embaixador del-rei de Bungo com presentes e cartas para D. Affonso de Noronha, vice-rei da India, pedindo o commercio e a amizade dos portuguezes, e religiosos da companhia que continuassem em seus reinos a propagação do Evangelho, posto que elle ainda então o não tinha abraçado, como fez em 1578. Foi esta a primeira embaixada do Japão ás terras dos principes europeus. E bem póde ufanar-se Portugal com a gloria de ter sido a primeira nação da Europa que viu japões em suas terras e que recebeu enviados de seus principes. A esta primeira embaixada japoneza á metropole do imperio lusitano no Oriente, seguiram-se outras provas do prestigio do nome e poderio dos portuguezes na Asia, bem dignas da inveja de quem nos succedeu na dominação e influencia n'aquellas partes.

Em 1552, no galeão em que naufragou Sepulveda, vinham a el-rei de Portugal cartas do Nautaquim, principe de Tanixumá, pedindo o auxilio de quinhentos portuguezes para conquistar a ilha de Lequia, e offerecendo em reconhecimento o tributo annual de cinco mil quintaes de cobre, e mil de latão. Em 1554 recebeu o vice-rei da India cartas dos reis japonezes de Firando, Amánguchi, e Bungo, as quaes levára a Goa o P. Pedro d'Alcaçova, que tendo ido para o Japão em 1552 com os P. Balthasar Gago, e Duarte da Silva, voltou n'aquelle anno á India a expor as necessidades d'aquella missão, e pedir novos obreiros apostolicos para uma egreja que crescia em immenso fervor a olhos vista.

Não deixaram os portuguezes de corresponder á cortezia japoneza para com elles. E primeiro que tudo, quem não ouviu fallar do famoso apparato e devoção com que foi levado o P. M. Francisco Xavier á primeira visita do rei do Bungo em 1550 por Duarte da Gama, capitão de uma nau de guerra, que de Amánguchi surgira em Figem, porto dos estados d'aquelle principe? Logo que elle soube que o santo apostolo chegava, mandou-lhe ao encontro alguns portuguezes vestidos de gala, que o trouxeram á nau, onde Duarte da Gama nada deixou por fazer para festejar a sua vinda. «A nau embandeirou-se e alcatifou-se ricamente, como refere Lucena [2], a gente saíu com o melhor que tinha, a artilheria fez quatro salvas reaes, disparando de cada uma dezoito peças, berços, falcões, camelos, com tanto estrondo que poz a cidade em alvoroço.» Do que avisado o rei por um fidalgo que mandou á nau informar-se da novidade do caso, e vendo como tudo eram festas e alegrias demonstradoras do grande amor e respeito que el-rei de Portugal tinha ao P. Francisco, n'esse mesmo dia o mandou visitar á nau por um moço fidalgo seu parente, acompanhado de trinta mancebos nobres ricamente vestidos, e um velho de muita auctoridade em logar de aio, com uma carta em que el-rei convidava o padre a avistar-se com elle. Assentada a visita, determinou

[1] Vida do P. Francisco Xavier liv. VII, cap. 560.

[1] Log. cit. liv. IX, pag. 720.
[2] Vida do P. Francisco Xavier liv. IX pag. 687.

Duarte da Gama em conselho, que fosse feita com toda a auctoridade possivel, mau grado o parecer do padre, para tapar as bocas aos bonzos ou sacerdotes dos japões, que da pobreza e humildade evangelica de Xavier inferiam e inculcavam aos seus a condição abjecta dos europeus e dos seus sacerdotes, e para ganhar por aquelle modo a benevolencia do povo, e obrigal-os a todos a estimarem depois muito a pobreza do mesmo padre e dos seus companheiros. «Em fim, continúa o P. Lucena no seu classico estilo, se o P. M. Francisco não foi aqui convencido das razões, foi porém vencido do zelo e boa tenção dos portuguezes, e assim soffreu tudo o que se assentou. E foi que elle saiu-se ao dia seguinte como se houvera de ir n'uma procissão solemne, vestida uma loba de chamalote preto sem aguas, e sobrepeliz em cima com sua estola de veludo verde, guarnecida de brocado, ao pescoço. Dos portuguezes nenhum ficou na nau, e todos se fizeram louçãos com cadeias de oiro sobre ricas sedas que vestiam, e concertos de perolas nas gorras. Eram trinta homens, que com outro maior numero de escravos que levavam comsigo, todos mui bem tratados, faziam um lustroso acompanhamento. Abalaram da nau embarcados no batel, e em duas manchúas com seus toldos de seda, e boa musica de charamellas e frautas, que depois que a nau deu a sua salva, se foram revezando pelo rio até chegar ao caes. Alli acharam um capitão que vinha de mandado del-rei com umas andas para levar n'ellas o P. M. Francisco. E não as acceitando o padre, entrou a pé pela cidade, acompanhado de muita gente nobre e dos trinta portuguezes, que não se contentavam com menos que com se fazerem na jornada seus pagens e escudeiros. Porque o capitão Duarte da Gama ia diante com uma cana na mão representando um porteiro-mór, ao qual seguiam cinco dos mais honrados e ricos; um com um livro do cathecismo mettido n'um sacco de setim branco; outro com um retabulo da Virgem coberto com um panno de damasco roxo; o terceiro levava o bordão que era de cana de bengala com seu castão de oiro; o quarto um sombreiro de pé pequeno; e o quinto umas chinellas de veludo que acaso achou na nau, e estimou muito para ser tambem figura [1].» No primeiro terreiro das casas reaes estava um capitão da guarda com 600 soldados; e logo á entrada de uma galeria, os cinco portuguezes, postos de joelhos, offereceram ao padre Francisco das peças que levavam as que haviam de servir; ceremonia que foi muito estimada dos japões. Assim foi o santo Xavier introduzido pela mão de um menino nos reaes aposentos, em que faziam corte grande numero de pagens e fidalgos mui luzidos, todos de setins e damascos de varias côres com terçados de chaparia de oiro cingidos. Recebido na antecamara del-rei por um seu irmão, que depois foi rei de Amánguchi, foi levado por elle á real camara, acompanhado da maior parte dos senhores da corte, e de todos os seus portuguezes. Achou el-rei em pé, e querendo-lhe elle de joelhos beijar a mão, o levou nos braços e assentou egual comsigo no mesmo estrado, e depois de algumas praticas sobre a religião em que um bonzo muito nobre e auctorisado ficou corrido e vencido, foi o P. Francisco por el-rei convidado para a sua mesa. Os beneficios que d'aqui vieram á propagação do Evangelho n'aquellas partes refere-nos a historia que não podêmos seguir por menor. [2]

Uma observação, porém, antes de continuar, nos cae aqui a lanço. Quanto não daria a França, quanto não estimariamos todos os catholicos, que egual apparato e prestigio tivesse acompanhado a troca das ratificações feita a 22 de setembro de 1859 em Yedo, capital do Japão, do primeiro tratado que a França celebrou com aquelle imperio em 9 de outubro de 1858, apesar de sómente se ter concedido o exercicio do culto christão aos estrangeiros com a licença de terem os agentes dos governos estrangeiros alli residentes um ou dois sacerdotes da sua religião, para o seu pessoal serviço e dos seus conterraneos? Todavia o *Moniteur Universel* de França, annunciando este acto, solemnisado pelo consul geral da França no Japão, com a assistencia do capitão e officiaes da corveta de guerra franceza *Duchayla*, surta nas aguas de Yedo, e do abbade Girard, superior e vice-vigario apostolico d'aquella missão, e interprete provisorio do mesmo consulado, que esteve presente com as insignias do seu ministerio, dizia o seguinte: «Assim a Providencia destinava ao glorioso reinado do imperador Napoleão III, e a esforços puramente francezes, a reinstallação solemne no solo japonez d'aquella religião cujos apostolos e adherentes eram outr'ora punidos de morte.» Infelizmente, porém, esta jactancia não corresponde ao estado do christianismo no Japão, cujo vice-vigario apostolico apenas póde exercer o seu ministerio com os catholicos estrangeiros que alli vão ou residem!

Mas sigamos. Mais tarde, em correspondencia á embaixada que a Goa mandára em 1551 el-rei de Bungo, como já dissemos, despachou-lhe o vice-rei D. Affonso de Noronha por embaixador Fernão Mendes Pinto, que saíu de Goa para Malaca em 1554 n'uma caravella real, levando a resposta ás cartas que d'elle recebêra, na qual lhe encommendava os padres que andavam por aquellas partes, e bem assim o padre Belchior Nunes Barreto, vice-provincial dos jesuitas na India, e lhe enviava de presente umas armas de grande preço, e outras coisas mui ricas. Acompanhavam o padre Belchior mais cinco jesuitas portuguezes, que eram os padres Gaspar Villela, Belchior Dias, Antonio Dias, Estevão Goes e Luiz de Froes, com cinco orphãos do collegio da Santa Fé para cathechistas.

Alem dos presentes do vice-rei, levou o embaixador por sua conta muitos outros mimos de valor para offerecer aos principes do Japão. Demorou-se a caravella nos portos da China por varias causas, e por isso só chegou a embaixada e comitiva ao Japão em 1556, onde surgiram na bahia de Fucheo. Mandou logo Fernão aviso da sua chegada e missão a el-rei, que estava d'alli a um quarto de legoa, na fortaleza de Osquy. El-rei despediu-lhe então tres *funes* e um camareiro, seu privado, com uma carta, e depois de regressar á cidade recebeu com grande pompa o embaixador do vice-rei da India, ao qual fez muitas perguntas sobre o poder de el-rei de Portugal, e se informou miudamente da vinda dos padres, da nau, das mercadorias que levava, da tenção do vice-rei, e de outras muitas particularidades, folgando muito com as respostas que se lhe deram. Havida a resposta del-rei, e um presente de armas, terçados e outras peças, partiu o embaixador para a India em novembro de 1556, e chegou em fevereiro do seguinte anno a Goa, onde de tudo deu conta a Francisco Barreto, que então governava o estado da India, por successão de D. Pedro Mascarenhas. Fernão Mendes, no capitulo 225 das suas *Peregrinações*, refere por extenso a resposta del-rei de Bungo, que omittimos por brevidade.

Em 1566 mandou el-rei de Portugal um rico presente ao rei de Arima. A todas estas embaixadas, porém, excedeu e se avantajou a que no anno de 1582 enviaram á Europa os reis de Bungo, de Arima e Omura, que são o objecto principal d'este nosso trabalho. A estampa que aqui vêem os leitores representa a visita que os quatro embaixadores d'aquelles principes fizeram ao famosó e monumental mosteiro do Escu-

[1] Vida do P. Francisco Xavier liv. IX pag. 689 e seg.

[2] N'outro numero d'este semanario daremos a gravura de um dos quadros da vida do Santo Xavier, pintura de André Reinoso, existentes na sacristia da egreja de S. Roque d'esta corte, que representa a visita do santo apostolo a el-rei de Bungo, que aqui fica descripta.

rial, perto de Madrid, em um dia ventoso do mez de novembro de 1584, chamando a attenção de todos com seus ricos e elegantes trajos, e por suas estranhas physionomias, como em seguida havemos de referir.

(Continúa) A. J. F.

BICA DOS OLHOS

Ha ainda da velha Lisboa muitos sitios, memorias, inscripções, esculpturas, e resto de edificios celebres, que o desenho deve archivar antes que desappareçam, de todo, como tantos outros monumentos de que só temos noticia pela tradição oral, ou pelas memorias escriptas.

Com este intuito havemos mandado desenhar escrupulosamente quantos padrões, edificios, inscripções e monumentos antigos existem n'esta capital, para que, gravados n'este semanario, possam servir algum dia para illustrar a historia de Lisboa, que ainda não está escripta, mas desde muito tempo estudada conscienciosamente pelo nosso amigo e collaborador o sr. Vilhena Barbosa, que das suas investigações, e das noticias por elle colligidas com summa critica, tem já dado boa amostra n'este semanario.

A bica chamada dos *Olhos*, que a nossa estampa representa, é uma das mais curiosas antiguidades de Lisboa, tanto pela virtude que á sua agua attribue a gente do povo, como por estar vinculada ao predio onde se conserva, com a obrigação de a ter o senhorio sempre corrente e publica.

Do archivo da camara municipal de Lisboa consta, que um carpinteiro chamado Antonio Ferreira, comprára por 1:750$000 réis, uma propriedade de casas ás portas do Pó, hoje rua da Boa Vista, a qual tinha a serventia principal pela calçada de Salvador Corrêa de Sá, ao presente calçada de S. João Nepomuceno. Distante quatro palmos d'esta propriedade havia um chão pertencente á cidade, onde estava a bica chamada do *Artibello*, contracção de Duarte Bello, que deu o nome, que ainda se conserva, á rua que vae do largo do Calhariz para a Boa Vista.

O referido carpinteiro requereu ao senado lhe aforasse aquelle chão para n'elle edificar em continuação do predio que já possuia. O senado consultou a favor, pelo que se lavrou escriptura de aforamento d'aquelle chão aos 29 dias do mez de julho de 1709, impondo-se-lhe o foro annual de 2$000 réis, e laudemio de quarentena. N'esta escriptura, além das clausulas costumadas, se lê a seguinte:

«E com mais condição, que elle dito Antonio Ferreira será obrigado a mudar a fonte á sua custa, chegal-a á aresta conteúda no cordeamento, como tambem elle e seus herdeiros a reparal-a de todos os desmanchos e concertos dos canos d'ella, e dos que carecer a mesma fonte em qualquer tempo que seja, sem da fazenda da cidade se concorrer para as despezas com coisa alguma.»

A bica passou então para junto do cunhal da nova propriedade, que faz esquina para o beco do conde de Sampaio, e está mettida no vão de uma larga porta, com hombreiras e verga de pedra.

O fundo d'este vão é todo de cantaria, figurando um tosco prospecto de fonte, com sua cimalha e frontão, no centro do qual está esculpida a era de 1675. A meio d'este prospecto fica o navio das armas de Lisboa, em alto relêvo, de cujo costado sáe a bica, que tem hoje por baixo um pequeno tanque, em fórma de concha, feito ha pouco tempo, porque d'antes o tanque era quadrado, e chegava quasi á face das hombreiras da porta.

Por baixo da cimalha tem o seguinte padrão gravado na cantaria:

HE OBRIGADO O DONO DESTA PROPRIEDADE A CONSERUAR ESTA BICA SEMPRE CORÊNTE Á SUA CUSTA.

A data que tem este padrão é anterior á do aforamento do chão em que estava a bica; pelo que se deve presumir que n'aquelle anno começasse a correr no sitio das portas do Pó, chamando-se-lhe bica de Duarte Bello, talvez porque estivesse junto de alguma propriedade d'este individuo, ou por elle a fizesse á sua custa para uso publico.

O chamar-se-lhe bica dos *Olhos* provém do seguinte caso, que a tradição tem conservado até hoje. Um francez que descobriu na agua d'esta bica grandes virtudes para inflammação de olhos, começou a vendel-a em vidrinhos com um nome pomposo, e provindo de origem supposta. Com effeito esta agua fez immensas curas, diz-se, e o industrioso estrangeiro ganhou muito dinheiro. Por um criado que ia de noite buscar a agua á bica de Duarte Bello, que o amo vendia como especifico, revelou o segredo, pelo que o francez teve de fugir, divulgando-se a virtude que tinha a agua d'aquella bica, concorrendo alli desde então muitos doentes a lavar os olhos, e a ser tirada em garrafas para o mesmo uso.



Bica dos Olhos

Consta que no sitio da Boa Vista havia tres bicas. Ainda hoje defronte da casa da Moeda desembocam duas avenidas, uma das quaes tem o nome de calçada da *Bica pequena*, e a outra calçada da *Bica grande*. Por ficarem ambas estas calçadas no prolongamento da rua da Bica de Duarte Bello, podia-se conjecturar que a bica *pequena* fosse a que hoje se chama dos *Olhos*, se o auctor do *Aquilegio Medicinal* não dissesse claramente que a bica *do Artibello*, na freguezia de S. Paulo, *tem virtude para inflammações de olhos, tomando-a da bica antes de nascer o sol e lavando-os com ella a qualquer hora;* referindo tambem o caso da revelação do criado do francez.

O auctor do *Aquilegio Medicinal*, em que se dá conta das aguas de caldas, de fontes, rios, poços, lagoas e cisternas do reino de Portugal, era medico del-rei D. João V, e publicou este curioso livro em 1726.

E sobre tudo, o sr. J. Sergio Velloso de Andrade, na sua accurada *Memoria* sobre os chafarizes, bicas, fontes e poços publicos, diz positivamente que a bica d'antes chamada do Artibello é a actual bica dos Olhos.